



Mundos flutuantes e reflexões sobre o amor e o tempo

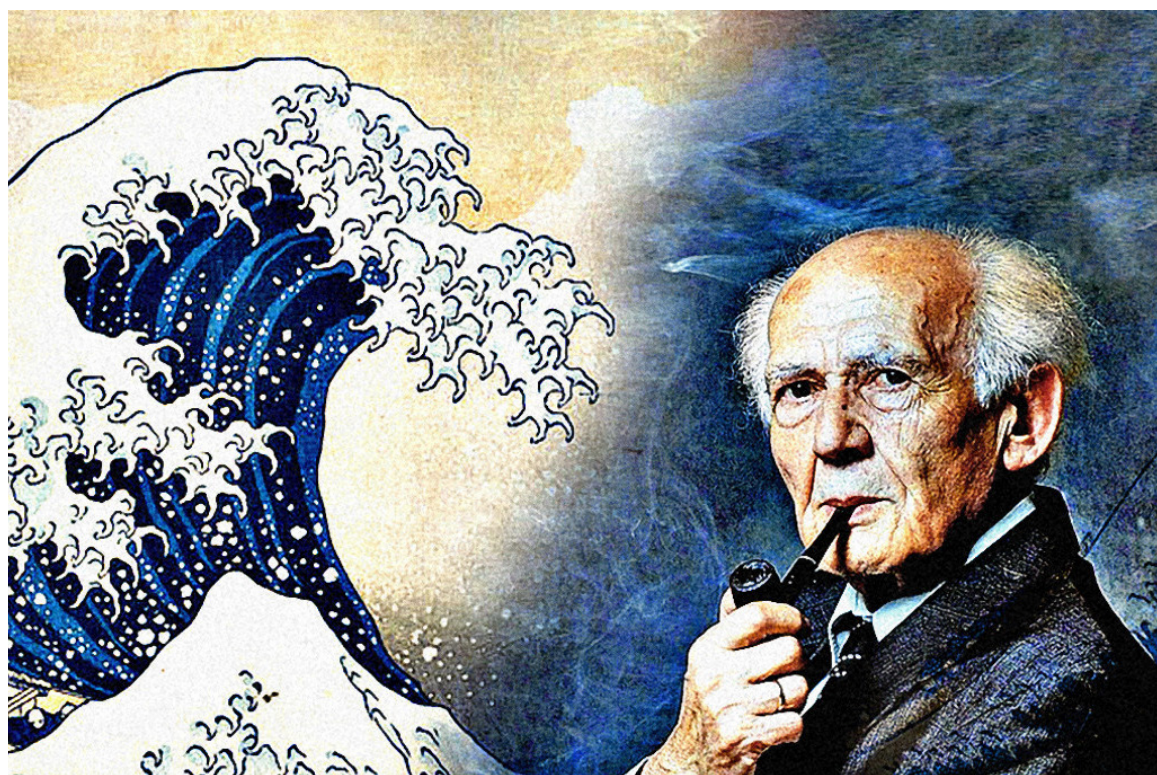
Zygmunt Bauman, em suas reflexões sobre a modernidade líquida, apresentou-nos conceitos profundos sobre a fragilidade das relações e do tempo na contemporaneidade. Em suas obras, Bauman descreve o “amor líquido” e o “tempo líquido” como metáforas de uma sociedade marcada pela instabilidade.

Relações humanas, assim como compromissos e objetivos, tornaram-se fugazes, moldados por um constante movimento e mudança, no qual nada é feito para durar. Esse cenário de incerteza ressoa curiosamente com a arte japonesa do ukiyo-e ou “imagens do mundo flutuante”, um gênero que floresceu no Japão entre os séculos 17 e 19.

O termo ukiyo-e refere-se a um mundo transitório, uma espécie de realidade onde o prazer e a beleza momentânea coexistem com a consciência da impermanência. As obras de artistas como Hokusai e Hiroshige capturavam cenas de um cotidiano efêmero, retratando paisagens, atores de teatro kabuki, e belas mulheres em cores vibrantes e traços marcantes.

No entanto, essa celebração do instante não se limitava ao hedonismo; havia também uma aceitação profunda da natureza passageira da vida, refletida na estética japonesa do “mono no aware”— a melancólica apreciação pela beleza das coisas que são temporárias.

Bauman, em seu diagnóstico da modernidade, alertou sobre o perigo de um mundo onde tudo flutua sem ancoragem emocional ou temporal. A sociedade líquida em que vivemos tem pressa em consumir experiências, produtos e até relações. O amor líquido, em especial, é descrito como uma relação em que os vínculos são frágeis e temporários, facilmente descartáveis diante de novos estímulos. Da mesma forma, o tempo líquido dissolve a sensação de permanência e continuidade, transformando o presente em uma sucessão interminável de urgências e novidades.



Mas o que o ukiyo-e pode nos ensinar sobre essa condição contemporânea? Ao contrário do consumo frenético de experiências sem profundidade, a arte japonesa convida à contemplação. O “mundo flutuante” do ukiyo-e não nega a impermanência, mas busca extrair significado do momento presente. A imagem icônica de A Grande Onda de Kanagawa, de Hokusai, é um exemplo perfeito: a força avassaladora da onda, prestes a engolir pequenos barcos, simboliza o poder das forças naturais e o destino inevitável da existência humana. Ainda assim, há beleza e harmonia naquela cena transitória.

Enquanto a modernidade líquida frequentemente nos aliena do aqui e agora, o ukiyo-e nos lembra da importância de encontrar beleza e significado mesmo em situações passageiras. O amor e o tempo não pre-

cisam ser prisioneiros de uma lógica de consumo. Eles podem, ao contrário, ser cultivados com a consciência da impermanência. Assim como os artistas japoneses do período Edo nos legaram imagens que continuam a inspirar até hoje, talvez seja possível resgatar uma forma de viver onde a fluidez não seja sinônimo de vazio, mas sim de transformação e renovação.

Ao olharmos para o passado e para as lições da arte, percebemos que as questões de nossa era não são inéditas.

Entre as ondas de Hokusai e as ideias de Bauman, existe uma ponte invisível, nos convidando a navegar com mais presença, profundidade e sensibilidade. Afinal, como ensinava a filosofia por trás do ukiyo-e, o mundo pode ser flutuante, mas a beleza e a arte nos permitem deixar marcas que transcendem o tempo.